

Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | *severinofrancisco.df@dabr.com.br*

Flamenguista doente

Ary Barroso poderia dizer com Maiakóvski: "Comigo a anatomia enlouqueceu/Eu sou todo coração". E o coração de Ary era ardentemente rubro-negro. Mas nem sempre foi assim. Tornou-se rubro-negro doente depois de ser humilhado e ofendido pelo Fluminense, o primeiro time de coração, do qual tinha a carteirinha de sócio. Em 1929, Ary Barroso foi ver um jogo do Fluminense contra o Andaraí nas Laranjeiras.

O tricolor tomava um passeio do Andaraí, no primeiro tempo, que já caminhava para a goleada: 3x0. Ary estava transtornado e, para completar, um dirigente pediu a ele que tocasse um pouco de piano para entreter os sócios. Ary ficou uma fera, replicou que não viera ali para divertir ninguém, mas para ver o Fluminense.

Depois de vacilar entre Botafogo e América, Ary seria Flamengo até morrer. Compositor, pianista, animador de programas de auditório, autor teatral, locutor esportivo, vereador e boêmio de carteirinha, o autor de *Aquarela do Brasil, Bahia e Está faltando um zero no meu ordenado*, era um trabalhador frenético. Em tudo que fazia, deixava a marca de originalidade.

Gostava de futebol, mas, antes de tudo, venerava o Flamengo. Como locutor esportivo, seria trucidado pelas redes sociais se estivesse vivo. Torcia e se retorcia pelo Flamengo com a maior desfaçatez: "O Flamengo vai ao ataque. Ipojuca passa para Maneco, na boca da meta para Ademir. Eu não quero nem olhar. Passou raspando a trave".

Não hesitava em esculhambar os próprios jogadores do seu time de coração: "Não tem ninguém para chutar. Se não tiver ninguém, eu vou lá e chuto". Ou em secar os adversários sob o gol iminente: "Ih, lá vem os inimigos. Eu não quero nem olhar".

Protagonizou aventuras hilárias, delirantes e surreais. Naquela época, os profissionais da imprensa não tinham cabines. Precisavam se virar no meio da multidão. Na hora de gritar o gol, era um deus-nos-acuda, ninguém entendia nada. Por isso, Ary introduziu a famosa gaitinha para transmitir o gol. No do Flamengo, ele soprava muitas vezes com vontade. No dos adversários, dava só uma sopradinha quase inaudível.

Certa vez, Ary se meteu a dar opinião sobre a eleição do Vasco para apoiar um amigo e o caldo entornou. O clube da cruz de malta o proibiu de entrar em São Januário. Mas Ary não se abalou. Instalou os equipamentos em um telhado e transmitiu a partida até ser descoberto pela torcida vascaína.

Em outra ocasião, também foi impedido de narrar uma partida do Brasil contra a Argentina em Montevidéu, porque havia um contrato de exclusividade da Rádio Mayrink Veiga. O flamenguista da Rádio Tupi se mandou para o Uruguai, mas a Mayrink Veiga acionou a polícia para garantir a exclusividade. No entanto, Ary não desistiu. Viajou até Buenos Aires e transmitiu o jogo de lá, ouvindo a voz de Oduvaldo Cozzi, locutor da Mayrink Veiga.

Mas a declaração de amor mais sensacional ao Flamengo foi a que Ary deu ao receber convite para ser o diretor musical da Walt Disney Productions. Pediu 24 horas para pensar, não aceitou, mas justificou para um Disney perplexo: *"Because 'don't have' Flamengo here"*.

À ESPERA DA ADOÇÃO / Famílias do DF dão amor e carinho à crianças que perderam o vínculo com seus genitores e parentes, enquanto a Justiça define o futuro delas. Na capital, 36 lares passaram por capacitação para recebê-las

Acolhimento que faz a diferença

» AMANDA SALES

A perda do vínculo familiar pode ser traumática para crianças e adolescentes. Pensando em melhorar esse cenário, o programa Família Acolhedora visa acolher essas crianças em vulnerabilidade social. Na prática, elas são encaminhadas para casas de famílias capacitadas, até que a própria situação jurídica esteja resolvida. O programa, que funciona desde 2019 no Distrito Federal, é realizado desta forma: crianças que precisaram ser desvinculadas dos pais biológicos vão para lares provisórios, de outras famílias, onde permanecem até que a justiça decida se elas retornarão para a família biológica ou se seguirão para a adoção.

No DF, 36 famílias foram capacitadas e estão disponíveis para receber esses meninos e meninas. Atualmente, 20 crianças estão acolhidas divididas em 17 famílias do quadradinho. Entre elas está a empresária Beatriz Saraiva, 47, que participa do projeto desde seu início e já acolheu quatro crianças. A moradora de Planaltina conta que o interesse surgiu durante a procura de uma criança para apadrinhar e foi quando ela descobriu o projeto. "O que mais me chamou a atenção e me fez escolher esse projeto foi uma forma de estar mais perto das crianças e conhecer suas histórias."

De início, ela relata que sua família teve receio de que ela se apegasse às crianças e acabasse sofrendo. "Ninguém queria que eu participasse, como nunca tive um filho acharam que seria difícil para mim desapegar das crianças. Mas depois de um tempo, todos se apaixonaram pelo projeto e toda a minha família me ajuda com o que eu precisar." Beatriz conta que para toda a família, os acolhidos se transformam em sobrinhos, netos, primos e filhos. Ela ressalta que ter uma grande rede de apoio fez a diferença para sua experiência. "Conto com um grande apoio familiar, minha mãe e irmã são minhas vizinhas então estão sempre presentes. No dia a dia, os acolhidos fazem parte da nossa família como qualquer outro membro então vão em festas de família, viagens e tudo. É uma extensão da nossa família."

Processos

Beatriz recebeu um bebê de quatro meses, ficou com ela durante quatro meses, e hoje ele é seu afilhado. Depois, acolheu mais um menino com três meses, que deixou a casa dela após sete meses. O terceiro foi um bebê de 16 dias que ficou com ela por 22 dias. Atualmente, ela cuida de mais um menino, que chegou com sete meses e já está há dois anos. "Para mim, significa muito participar desse programa. Sinto que faço parte de um período complicado e tão importante da criança e sua família", conta. Dos seus acolhidos, o atual é o único que não irá retornar à família e passará pelo processo de adoção. A empresária explica que o menino já está realizando visitas à sua nova família. Sobre a despedida, ela afirma que o sentimento que prevalece é de dever cumprido. "É uma fase, sabe? O tempo que passam comigo é o momento de demonstrar carinho e cuidar-lós, enquanto não tem uma família para fazer isso. Eu passo na vida dessas crianças por puro amor. Tento sempre lembrar que o tempo comigo foi uma transição e quando vão embora eu penso sempre que eu dei o meu melhor para eles", relatou.

Quero ajudar

O que é preciso para ser uma Família Acolhedora?

Crianças vinculadas à Vara da Infância e Juventude, do Tribunal de Justiça do DF e Territórios (TJDFT) entre 0 a 6 anos são o público alvo do programa. Antes de receber uma delas, as famílias passam por um processo de capacitação que envolve entrevistas com psicólogos e visitas domiciliares. Para se tornar uma Família Acolhedora é preciso:

- Morar há pelo menos 2 anos no Distrito Federal
- Ter mais de 18 anos
- Não ter antecedentes criminais
- Comprovar renda e endereço
- Apresentar documentação pessoal
- Não estar registrado no Cadastro Nacional de Adoção

> **Acharam que seria difícil me desapegar das crianças. Depois de um tempo, todos se apaixonaram pelo projeto e toda a minha família me ajuda"**
>
> ***Beatriz Saraiva,*** *Empresária*

> **Participar desse programa para mim significa transformar, apoiar e amar uma criança"**
>
> ***Daniela Nascimento,*** *Professora*

"forma de olhar o mundo"

O casal Ana Barbosa, 40, e Luciana Rafael, 48, está no projeto há um ano e meio e em seu segundo acolhimento. Atualmente, elas cuidam de um bebê de 40 dias. "As experiências têm sido enriquecedoras. Têm nos mostrado outra forma de olhar o mundo", destaca Ana. Luciana foi a que deu início à busca de formas de ajudar crianças, a bancária conta que em meio a pandemia começou a procurar formas diferentes de ajudar crianças do sistema. "Me interessei de cara quando vi a questão do acolhimento. Me inscrevi e em seguida já fiz a capacitação, depois técnicos visitaram aqui em casa. E então me tornei apta para começar a acolher as crianças."

"Começamos a conversar de como ajudar além de apenas as doações, sabe? Quando encontramos o programa, não teve jeito, me encantei e continuo cada vez mais encantada. A gente pensa que está fazendo algo pelas crianças, quando na verdade elas que nos transformam e fazem sermos pessoas melhores", se emociona a bancária.

Para elas, o maior ensinamento do programa é sobre o verdadeiro significado de amor. "Para nós, significa ser a ponte para essa criança, para que ela receba amor, futuramente, saiba dar e receber amor", diz Ana. Elas contam que mantêm um acompanhamento constante com as psicólogas do 'Aconchego' para trabalharem com a informação de quem um dia as crianças vão embora. "Penso que apesar do sofrimento da despedida, a criança ganha muito com esse acolhimento, por ser amado e cuidado individualmente. Para sofrer menos, costumo colocar em minha mente que a criança seria de uma vizinha que está doente e o bebê está com a gente até ela ficar boa. Mais é um mix de sensações", desabafa.

A família das duas as apoiaram completamente e como elas descreveram "se tornaram nossa rede de apoio com as crianças".

"Amor que cura as feridas"

"Participar desse programa para mim significa transformar, apoiar e amar uma criança. O amor cura as feridas que elas trazem. Essa experiência me traz uma alegria, poder contribuir com a sociedade", descreve a professora Daniela de Nascimento, 54.

Ela conheceu o projeto por meio de uma reportagem e de cara se interessou em acolher as crianças. A moradora da Asa Norte, está em seu terceiro acolhimento e para ela a experiência tem sido significativa. "Eu pude perceber que essas crianças ficam mais seguras. Elas recebem um tratamento tão individualizado dentro das famílias que se sentem seguras e protegidas, então depois que elas vão para o destino elas estão preparadas para isso."

Atualmente, Daniela acolhe uma criança de sete anos e um bebê de um ano. "Tem um ano que estou cuidando delas, pela primeira vez peguei uma criança assim mais velha e com ela percebi que começamos um grande trabalho de ressignificação. Ela agora entende mais o valor de uma família sem violência. Com novas vivências e, então, sinto que ela agora se sente segura dentro de uma vivência familiar", conta.

Ela diz que a menina chegou muito triste e com conflitos internos. "O convívio comigo e com a minha família e meus filhos está ajudando cada vez mais ela a se entender como parte importante desse mundo."

Arquivo: Arquivo Pessoal



Ana e Luciana sabem que o carinho delas será importante



Daniela usa seu afeto para mudar a vida das crianças que acolhe



Ana e Luciana dizem que o maior ensinamento é o verdadeiro amor



Enquanto cuida dos acolhidos, Beatriz coloca todo afeto em sua relação

ANEEL
AGÊNCIA NACIONAL DE ENERGIA ELÉTRICA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

AVISO DE LICITAÇÃO

Pregão Eletrônico nº 9/2023

A Agência Nacional de Energia Elétrica - ANEEL, por meio do Superintendente de Licitações e Controle de Contratos e Convênios, torna público que fará realizar licitação na modalidade **PREGÃO ELETRÔNICO**, do tipo **MENOR PREÇO,** com regime de **EMPREITADA POR PREÇO UNITÁRIO**, cujo objeto é a **CONTRATAÇÃO DE EMPRESA DE ENGENHARIA PARA EXECUÇÃO DOS SERVIÇOS DE ADEQUAÇÃO DO COMPLEXO PREDIAL ANEEL/ANP ÀS NORMAS DE SEGURANÇA CONTRA INCÊNDIO E PÂNICO, E DOS SERVIÇOS DE RENOVAÇÃO DE AR, CONFORME PROJETOS EXECUTIVOS JÁ APROVADOS, POR UM PERÍODO DE 24 (VINTE E QUATRO) MESES,** conforme especificações do Edital e seus anexos. A abertura da sessão será às 10h00, do dia 27/03/2023, no sítio www.gov.br/compras. O Edital poderá ser retirado nos sítios www.gov.br/aneel e www.gov.br/compras.

UBIRATÃ BARTOLOMEU PICKRODT SOARES
Superintendente de Licitações e Controle de Contratos e Convênios